

**A construção da personagem Marta e as relações amorosas
no romance *Inferno* de Patrícia Melo**

***The construction of the character Marta and romantic relationships
in the novel *Inferno* by Patrícia Melo***

Ana Paula Lima CARNEIRO¹

Resumo

Na presente pesquisa, buscamos conhecer aspectos da representação da mulher e das relações de amor na literatura contemporânea de autoria feminina, a partir do romance *Inferno* (2000), de Patrícia Melo. A obra retrata o caos moderno por meio de histórias de família, crime e poder. Focalizamos as ações da personagem Marta, que busca se tornar líder do tráfico de drogas no Morro do Berimbau, no Rio de Janeiro. Observamos também as relações amorosas no romance, analisando sua liquidez na modernidade. O estudo possui aporte metodológico bibliográfico de base sociológica, centrado em Antonio Candido (2006; 2010); na teoria feminista, fundamentada por Koss (2000), Zolin (2009), Beauvoir (2016) e Caulfield (2000); além dos estudos de Bauman (2004), Machado (2009) e Platão (1987). Pudemos inferir que Marta reflete a sociedade contemporânea ao assumir liderança e questionar imposições sociais, e que as relações de amor no texto são descartáveis, líquidas e marcadas por incertezas.

Palavras-chave: Personagem. Mulher. Sociedade. Literatura. Amor.

Abstract

In this study, we aim to examine aspects of the representation of women and love relationships in contemporary literature written by women, based on the novel *Inferno* (2000), by Patrícia Melo. The work portrays modern chaos through stories of family, crime, and power. We focus on the actions of the character Marta, who seeks to become the leader of drug trafficking in Morro do Berimbau, Rio de Janeiro. We also observe romantic relationships in the novel, analyzing their liquidity in modernity. The study adopts a bibliographical, sociology-based methodological approach, centered on Antonio Candido (2006; 2010); feminist theory, grounded in Koss (2000), Zolin (2009), Beauvoir (2016), and Caulfield (2000); as well as studies by Bauman (2004), Machado (2009), and Plato (1987). We were able to infer that Marta reflects contemporary society by assuming leadership and questioning social impositions, and that the love relationships in the text are disposable, liquid, and marked by uncertainties.

Keywords: Character. Woman. Society. Literature. Love.

¹ Doutora em Letras pelo Programa de pós-graduação em letras PPGL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: anapaulalima.uepb@gmail.com

Introdução

A literatura é uma forma de representação da sociedade, mas não se constitui como uma simples cópia da realidade. Ela pode ser vista como uma transfiguração dessa realidade, sendo o texto literário uma expressão que, frequentemente, promove uma reflexão crítica sobre a sociedade. Essa reflexão abrange tanto o contexto em que o enredo foi produzido quanto aquele em que o escritor está inserido, o que, muitas vezes, comprova a atualidade da obra ao abordar temáticas contemporâneas. Assim, conforme Candido (2006), os fatores sociais influenciam a construção do texto literário ao dialogarem com os aspectos formais da narrativa. Os elementos externos à obra tornam-se parte de sua estrutura interna, de modo que a estrutura social se transforma em literatura. Em outras palavras, o autor, por meio do texto literário, expressa seus pensamentos e reflexões acerca dos anseios da sociedade.

Dessa forma, temos como objetivo analisar aspectos ligados à representação da mulher na literatura contemporânea de autoria feminina, a partir do romance *Inferno*, bem como compreender as relações amorosas presentes na obra, observando a liquidez do mundo moderno. *Inferno* é um romance contemporâneo publicado em 2000 por Patrícia Melo, roteirista, dramaturga e escritora brasileira. Suas obras foram traduzidas para diversos países, entre eles Inglaterra, França, Alemanha, Itália, Espanha, Holanda, Grécia, Finlândia e China. Por essa ampla circulação internacional e pela relevância de sua produção literária, a autora é considerada um dos principais nomes da ficção urbana brasileira contemporânea.

A temática desta pesquisa justifica-se por sua relevância para os estudos literários, uma vez que não foram encontradas pesquisas que contemplassem o objetivo deste artigo, ou seja, estudos que abordassem a representação da mulher e do amor na literatura contemporânea de autoria de Patrícia Melo, mais especificamente no romance *Inferno* (2000). A referida narrativa foi vencedora do Prêmio Jabuti, em 2001, na categoria Romance, que tem como objetivo premiar autores de romances publicados no ano anterior ao da cerimônia.

A pesquisa foi realizada com base em um aporte metodológico de cunho bibliográfico, fundamentado na sociologia da literatura e na teoria feminista. Para tanto, focalizamos as contribuições dos seguintes autores e autoras: Candido (2006; 2010), Koss (2000), Zolin (2009), Beauvoir (2016) e Caulfield (2000), entre outros, como Bauman

(2004), Machado (2009) e Platão (1987). É essencial considerar a relação dialética entre a arte literária e o contexto social, uma vez que a literatura pode revelar os contornos culturais de um determinado período histórico.

Patrícia Melo, roteirista, dramaturga e escritora brasileira, tornou-se conhecida por suas obras de cunho policial e por sua capacidade de explorar a mente de personagens envolvidos com a criminalidade. No romance *Inferno* (2000), a autora apresenta um retrato do caos do mundo contemporâneo por meio de um emaranhado de histórias de amor, família, trabalho, crime e poder. Esse caos manifesta-se de diversas formas, principalmente por meio da violência e da gravidez indesejada entre as adolescentes do morro.

Inferno (2000) narra a saga de José Luís Reis (Reizinho), que, aos onze anos, envolve-se com o tráfico de drogas com o objetivo de ascender na hierarquia do crime. A narrativa apresenta, portanto, o percurso de Reizinho desde a infância pobre até a conquista da posição de líder do tráfico nos morros do Berimbau e dos Marrecos. Dessa forma, a representação da mulher e as relações amorosas não se configuram como elementos centrais da narrativa. Contudo, a personagem Marta desempenha um papel relevante no desenrolar do enredo. Filha do líder do tráfico no Morro dos Marrecos, ela desejava fazer parte do universo do tráfico de drogas, questionando a legitimidade da dominação masculina e os papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres naquele contexto social.

A representação feminina na literatura e relações amorosas

A literatura é uma forma de representação da sociedade, mas não se constitui como uma simples cópia da realidade; pode ser vista como uma transfiguração dessa realidade, promovendo uma reflexão crítica sobre o contexto em que foi produzida. Conforme Candido (2006), os fatores sociais influenciam a construção do texto literário ao dialogarem com os aspectos formais da narrativa. Os elementos externos tornam-se parte de sua estrutura interna, de modo que a estrutura social se transforma em literatura. Além disso, a arte literária precisa ser compreendida em sua relação com a cultura e com o contexto histórico, considerando a dimensão social como um fator estruturante do texto (Candido, 2006), o qual é capaz de encenar as oscilações entre a ordem e a desordem social (Candido, 2010).

Para compreender a posição que a mulher ocupa na sociedade contemporânea, é fundamental analisar sua trajetória histórica, marcada por lutas pela conquista de autonomia e superação da submissão patriarcal. As relações sociais entre os gêneros são marcadas por dinâmicas de poder nas quais a mulher, por muito tempo, viveu à sombra do pai, do irmão ou do marido, enquanto o homem exercia o papel de dominador. Segundo Zolin (2009), as relações de gênero são construídas com base nas relações de poder historicamente estabelecidas entre os sexos, de modo que o espaço privado, reservado à mulher, nada mais é do que o reflexo da estrutura social patriarcal dominante. Há, portanto, uma correspondência entre sexo e poder, pois as relações estabelecidas no âmbito privado refletem as dinâmicas presentes na sociedade como um todo, fazendo da esfera privada uma extensão da pública.

Contudo, com os processos de modernização e as conquistas dos movimentos feministas, a mulher passou a redefinir seu papel social. Conforme Koss (2000), os avanços das lutas feministas levaram a uma reavaliação dos papéis tradicionais e das relações de trabalho. Nesse processo, a emancipação feminina ganha contornos concretos por meio do trabalho e da independência financeira, visto que, segundo Beauvoir (2016), é pelo trabalho que a mulher conquista uma liberdade concreta, deixando de figurar como um objeto passivo para tornar-se sujeito de sua história. Assim, surge a figura da mulher moderna que, nas concepções de Kollontai (2011), caracteriza-se por ser economicamente independente, autônoma e livre em suas decisões.

Paralelamente a essas transformações sociais, as concepções sobre o amor não são estáticas; trata-se de construções culturais que se transformam ao longo do tempo (Machado, 2009). Na tradição filosófica, Platão (1987) apresenta em *O Banquete* a concepção de Eros como a busca contínua pelo outro para preencher um vazio ou uma falta existencial. Ao longo da história, coexistiram diversas representações do afeto, como o amor cortês e o amor romântico idealizado.

Na contemporaneidade, contudo, observam-se novas dinâmicas afetivas. De acordo com Bauman (2004), a pós-modernidade é marcada pela fragilidade dos vínculos humanos e pelo advento do “amor líquido”, segundo o qual as relações afetivas tendem a assumir a lógica do consumo e da descartabilidade:

E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas

testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. (Bauman, 2004, p. 21-22)

Sob a lógica da cultura consumista, as relações amorosas passam a priorizar o prazer momentâneo, a satisfação instantânea e a ausência de compromissos duradouros. Os relacionamentos tornam-se descartáveis e instáveis, pautados por incertezas e pela lógica do consumo, distanciando-se da antiga definição romântica de um compromisso para toda a vida.

A representação da personagem Marta e as relações amorosas em *Inferno*

No referido romance, Patrícia Melo narra a saga de José Luís Reis, apelidado de Reizinho, que, aos onze anos, envolve-se com o tráfico de drogas com o objetivo de ascender na hierarquia do crime. A obra aborda o percurso de Reizinho desde a infância pobre até a conquista da posição de líder do tráfico nos morros do Berimbau e dos Marrecos, localizados na cidade do Rio de Janeiro.

É importante ressaltar que, em *Inferno* (2000), a representação da mulher e o amor não se configuram como elementos centrais da narrativa, como ocorre nas narrativas tradicionais, que geralmente giram em torno de um relacionamento amoroso ou em obras que têm uma mulher como personagem central. O romance apresenta um retrato do caos do mundo moderno por meio de um emaranhado de histórias de amor, família, trabalho, crime e poder.

Esse caos manifesta-se de diversas formas, principalmente por meio da violência e da gravidez indesejada entre as adolescentes do morro, como ocorreu com Carolaine, irmã de Reizinho, que, ao longo da narrativa, engravida quatro vezes de homens diferentes: José Paulo, pai de Alas; Walmir, pai de Júnior; Leitor, pai de Alex; e Edson e Zino, os prováveis pais de seu quarto filho.

Verificamos que, mesmo sendo abandonada diversas vezes, Carolaine continua acreditando que encontrará um amor eterno. Dessa forma, permanece em constante busca desse sentimento, correspondendo à concepção do amor Eros apresentada por Platão em *O Banquete*, uma vez que Eros representa a busca contínua pelo outro como forma de preencher uma falta ou um vazio existencial.

Para compreender a posição que a mulher ocupa atualmente na sociedade e como ela está representada na literatura, é fundamental analisar sua trajetória ao longo do tempo, acompanhando suas lutas e conquistas. Ao longo das diferentes épocas históricas e literárias, a mulher desempenhou diversos papéis, conquistando gradualmente mais espaço e autonomia para conduzir sua própria vida. Com isso, deixou de ser subjugada pelo homem e, conseqüentemente, de ser excluída socialmente. Essas transformações refletem-se também na literatura, especialmente na forma como as personagens femininas são representadas.

Na literatura, a mulher é retratada de diversas maneiras, evidenciando tanto aquelas que ocupam posições de liderança quanto aquelas marcadas pela submissão. Esses dois tipos de representação feminina podem ser encontrados nas obras de Patrícia Melo, que apresentam perfis de mulheres alinhadas aos princípios morais tradicionais, bem como personagens que desafiam tais padrões. Suas obras retratam personagens que atuam tanto no espaço público e profissional quanto aquelas que permanecem restritas ao ambiente privado.

É importante destacar que as obras de Patrícia Melo, produzidas e publicadas a partir do final do século XX, continuam sendo lançadas na contemporaneidade, período marcado por uma crescente valorização da mulher e pela ampliação dos debates acerca das questões de gênero. Assim, o fenômeno literário não pode ser analisado isoladamente, mas deve ser compreendido à luz de suas bases históricas e culturais. Isso significa que a criação artística precisa ser observada em sua relação com a sociedade. Conforme Candido (2006), o contexto social deve ser considerado um fator estruturante da narrativa.

Ao longo do tempo, a voz feminina foi silenciada, e a mulher ocupou, e, muitas vezes, ainda ocupa, um lugar secundário em relação ao homem. Discutir as relações de gênero significa abordar também as relações de poder, pois, em uma sociedade patriarcal, muitas mulheres são subordinadas ao domínio masculino. É importante destacar que, com as transformações ocorridas durante o processo de industrialização, a mulher começou a conquistar maior visibilidade social, ganhando voz e ocupando espaços cada vez mais amplos na sociedade.

No universo ficcional de Patrícia Melo, predominam mulheres que questionam a legitimidade da dominação masculina e, conseqüentemente, a opressão feminina. Um exemplo disso é a personagem Marta. Observa-se uma interação entre ordem e desordem nos morros dos Marrecos e do Berimbau, principais cenários da narrativa. Nesses

espaços, convivem pessoas que obtêm seu sustento por meio do trabalho honesto e outras envolvidas em atividades ilícitas, como o tráfico de drogas e de armas.

A obra apresenta diferentes perfis femininos, entre eles traficantes, prostitutas, mulheres que trabalham fora do lar: como domésticas, secretárias, manicures, babás e costureiras; além de donas de casa resignadas à vida doméstica. Também há a presença de mulheres que não trabalham e passam o dia assistindo à televisão, sonhando com histórias de amor semelhantes às das novelas. É o caso de Carolaine, irmã de Reizinho, que acaba engravidando de diferentes homens em razão de promessas de casamento e da expectativa de encontrar um amor duradouro.

É importante ressaltar que as mulheres do morro enfrentam diversas dificuldades, sendo a violência uma das principais. Além de sofrerem violência física, muitas delas também são exploradas sexualmente, como ocorre com a personagem Carolaine. Após o envolvimento sexual e a gravidez, seus namorados perdem o interesse e a abandonam.

Essas relações correspondem às concepções apresentadas por Bauman (2004) em *Amor Líquido*, uma vez que não são sólidas nem duradouras. Trata-se de relacionamentos descartáveis, que evidenciam a fragilidade dos vínculos humanos, aspecto cada vez mais presente na contemporaneidade. Dessa forma, podemos afirmar que, com a modernidade, surgiram novas concepções de amor, como o amor líquido defendido por Bauman (2004). No entanto, é importante destacar que outras concepções amorosas também permanecem presentes. O amor cortês, por exemplo, característico do romance medieval, ainda pode ser observado na atualidade, assim como o amor romântico.

De acordo com Machado (2009), a noção de amor é construída ao longo do tempo, ou seja, trata-se de uma construção cultural. Em outras palavras, essa concepção não é natural, pois varia de uma sociedade para outra. Como afirma a autora: “Por exemplo, o amor romântico foi uma construção do Romantismo; o amor cortês, uma construção da Europa medieval, que tinha de controlar forças que estavam demasiado soltas depois da invasão dos bárbaros”. Dessa forma, as diferentes formas de amor constituem construções culturais, assim como a própria arte literária. Em relação aos relacionamentos vivenciados por Carolaine, observamos a predominância de um amor líquido, fruto da pós-modernidade, em que grande parte das relações amorosas se caracteriza pela instabilidade e pela transitoriedade.

Entre as várias personagens femininas da narrativa, Marta destaca-se por não aceitar as imposições masculinas. Trata-se de uma mulher independente, que busca a

igualdade entre os gêneros. Embora seja apresentada apenas no capítulo 13, a personagem assume papel relevante na narrativa e provoca diversas mudanças na vida de Reizinho. Filha de Zequinha, líder do tráfico de drogas no Morro dos Marrecos, Marta insistia em trabalhar com o pai no tráfico e costumava pedir pistolas como presente, comportamento considerado incomum para as mulheres dentro daquele contexto social, conforme podemos observar no trecho a seguir:

Essa aí, Zequinha mexericou, adora ouvir minhas conversas. Vive pedindo para trabalhar comigo. Pode? Tem fibra, essa menina, comentou, orgulhoso. Faz aniversário na semana que vem. Perguntei, filha, o que você quer de presente? Sabe o que a danada respondeu? Uma Pistola Glock. Pode? Os três riram (Melo, 2000, p. 203).

Mesmo sob a tutela de um pai dominante, Marta demonstra os primeiros sinais de sua independência nas relações sociais, questionando a legitimidade da dominação masculina. As desigualdades de gênero revelam-se por meio das diferenças socialmente construídas, estando intimamente ligadas às relações de poder.

Ao longo do tempo, muitas conquistas foram alcançadas, sobretudo em decorrência das transformações dos papéis sociais. Essas mudanças contribuíram para que a mulher se tornasse cada vez mais autônoma, conquistando maior espaço na sociedade e assumindo funções que antes eram restritas aos homens.

Conforme Koss (2000), os avanços e os desafios do movimento feminista nas últimas décadas levaram a uma reavaliação do papel masculino, influenciando as negociações civis, as relações de trabalho e os relacionamentos amorosos. Apesar dos conflitos e das resistências enfrentadas, as mulheres continuaram a ocupar cada vez mais espaços na sociedade. Embora, muitas vezes, tenham sido esquecidas ou marginalizadas, seguiram conquistando autonomia e ampliando sua participação social.

Quando Reizinho conheceu Marta, no baile funk e foi amor à primeira vista. Reizinho considerava Marta diferente de todas as meninas que ele já conhecera: “[...] tantas meninas, ele pensou mais tarde na cama, conhecera tantas, a maioria descartável, todas esquecíveis, por que apenas uma pessoa, no meio de tantas outras, era capaz de provocar aquele ardor?” (Melo, 2000, p. 125), e ele passou a ter um relacionamento sério com a Marta, mas não deixou de se encontrar com a Kelly. Em vários trechos do enredo observamos o quanto ele amava Marta: “O simples fato de pronunciar este nome, Marta, inflamava seu coração.” (Melo, 2000, p. 132).

Reizinho desejava casar-se com Marta, mas Zequinha, pai da jovem, não aceitava o relacionamento. Assim, Marta fugiu de casa para morar com Reizinho e, ao descobrir que seu pai planejava assassinar o namorado, resolveu armar uma emboscada contra ele. No entanto, após Reizinho matar Zequinha, a relação entre os dois passou a ser marcada por sentimentos de amor e ódio, pois Marta arrependeu-se de sua decisão e passou a culpá-lo pela morte do pai. Dessa forma, a personagem passou a experimentar sentimentos contraditórios, amando e odiando Reizinho ao mesmo tempo, conforme se observa no trecho a seguir: “Assassino, ela dizia, entre soluços [...]. Telefonava diariamente para sua irmã Priscila, confusa, como eu posso continuar vivendo aqui? Mas se Priscila ou qualquer outra pessoa acusasse José Luís, Marta o defendia, ele não tem culpa de nada, dizia” (Melo, 2000, p. 296), ela tinha um sentimento de culpa, pois ela ajudou a armar a emboscada para o pai.

Durante todo aquele tempo se esforçava para acreditar, que amava José Luís, e talvez ainda o amasse, sim, amava-o, era bom deitar com ele na cama, mas Priscila tinha razão. Assassino. Mulherengo. [...] Sim, amava-o, mas havia sempre aquele ódio. Idiota. Pensa que é o tal [...]. (Melo, 2000, p. 340)

Verificamos que um dos aspectos que também impulsionou o relacionamento de Marta com Reizinho foi o desejo de fazer parte do mundo do tráfico de drogas, uma vez que ela não conseguiria alcançar esse objetivo permanecendo sob a autoridade do pai, que era extremamente autoritário. Nesse sentido, o relacionamento com Reizinho representava uma oportunidade de inserção nesse universo.

De fato, Marta alcançou seu objetivo, tornando-se o braço direito de Reizinho nos negócios. Desde jovem, ela insistia em trabalhar com o pai no tráfico de drogas, pedia pistolas de presente e demonstrava interesse pelas atividades criminosas. No entanto, Zequinha não atendia a esses desejos, pois pretendia que a filha se casasse com um homem instruído e diplomado.

Após a prisão de Reizinho, Marta assumiu seu lugar e tornou-se líder do tráfico de drogas nos dois morros. Quando ele deixou a prisão, percebeu as profundas mudanças ocorridas em sua companheira. Marta passou a adotar comportamentos tradicionalmente associados ao universo masculino: usava roupas masculinas, cortava o cabelo curto e andava armada. Diante dessas transformações e temendo uma possível vingança pela morte de Zequinha, Reizinho decidiu fugir, levando Kelly consigo.

Em Roraima, os dois abriram um bar e passaram a viver do comércio. No entanto, Kelly apaixonou-se por um baiano e partiu com ele para Salvador. Assim, observamos relacionamentos marcados pela instabilidade e pela brevidade, características que se aproximam da concepção de amor líquido formulada por Bauman (2004), segundo a qual os vínculos afetivos tendem a assumir a lógica do consumo e da descartabilidade.

Observamos que existe uma ausência de comprometimento com o outro; trata-se de um prazer momentâneo que não se sustenta ao longo do tempo, evidenciando a falta de compromisso nas relações afetivas. Dessa forma, de acordo com Bauman (2004), investir em um relacionamento é semelhante a investir em um negócio, pois ambos envolvem riscos e inseguranças. Podemos verificar que as relações amorosas retratadas na narrativa são contraditórias, fragmentadas e problemáticas. Essa fragmentação impede que o amor seja vivenciado em sua plenitude, uma vez que nenhum dos relacionamentos apresentados na obra culmina em casamento.

Portanto, a narrativa representa uma sociedade contemporânea marcada pela fragmentação, na qual amor e sexo frequentemente se tornam sinônimos. Trata-se de relações líquidas, conforme as concepções de Bauman (2004), caracterizadas por um curto prazo de duração e moldadas pelo cenário líquido da vida moderna. São relações amorosas que, muitas vezes, exercem apenas a função de preencher vazios emocionais, configurando um amor permeado por incertezas.

Enfim, o amor apresenta, na contemporaneidade, diversos desafios, pois há um excesso de liberdade nas relações afetivas, o que contribui para a instabilidade dos vínculos e para a dificuldade de manutenção de compromissos duradouros. Dessa forma, esse sentimento apresenta as características da sociedade contemporânea, que é: a pressa, a falta de tempo e a insegurança. De acordo com Bauman (2004, p. 19): “Afinal, a definição romântica do amor como ‘até que a morte nos separe’ está decididamente fora de moda, [...]”. Consequentemente, a representação do amor na contemporaneidade é diferente das narrativas tradicionais, pois nas narrativas contemporâneas o amor eterno não se sustenta.

É importante ressaltar que Marta exercia certo poder sobre o namorado, poder esse que não possuía quando vivia sob a autoridade do pai. Isso pode ser constatado principalmente após a morte de Zequinha, pois Marta não aceitava passivamente todas as decisões de José Luís. Podemos observar essa postura em vários momentos da narrativa. Um deles ocorre quando José Luís lhe pede que deixe a cobertura por questões de

segurança. Marta, contudo, impõe algumas condições e só aceita sair do local quando José Luís lhe atribui a função de braço direito no tráfico de drogas, conforme se verifica no trecho a seguir:

Só assim aceitara, ótimo, ploc, eu fico, mas não sou pau-mandado nem capacho, tenho ideias e métodos próprios, o. k.? O. k., ele dissera. E não pense que vou admitir vadias dormindo na nossa cobertura, afirmou Marta, estouro aquela merda. Corto teu pau e arranco o teu nariz. (Melo, 2000, p. 320)

Marta passou a mandar em tudo e em todos, principalmente em José Luís, utilizando um discurso violento e quando ele desautorizava algo, ela fazia questão de lembrar que era filha do Zequinha: “Depois das reuniões com a cúpula Marta ficava ainda mais insuportável, você me atropela, ela dizia, você me desautoriza, ploc, eu sou filha do Zequinha, compreendeu?” (Melo, 2000, p. 320), ou seja, ela se tornou autoritária, se colocando em uma condição de superior, depois que começou a “trabalhar” com José Luís.

A partir do momento em que Marta começou a trabalhar no tráfico de drogas, a ter uma ocupação, tornou-se mais empoderada. Conforme Beauvoir (2016, p. 503): “Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta”, pois a mulher deixa de ser um “parasita”, um “objeto” e torne-se sujeito. Ela não dependia financeiramente de um homem, no entanto, trabalhar não significa ser totalmente liberta, já que, muitas vezes, a força do trabalho é explorada, e também pelo motivo de uma ocupação fora não dispensar a mulher dos afazeres dentro de casa.

Foi possível verificar que, mesmo com todas as críticas por parte dos outros traficantes pelo motivo de Marta ser mulher, ela deixou claro que mandava em todos, praticando várias formas de violência, tais como: intimidar, corromper e matar, como ela fez com supostas amantes de José Luís: “Marta desalojou as meninas, e raspou a cabeça das três, antes de enxotá-las do morro” (Melo, 2000, p. 336), demonstrando todo o seu poder. Ela passou a utilizar-se de um discurso autoritário e violento: “Arrependia-se de não ter espancado a mais preta de todas, aquela que dissera: você não é a gostosa que está pensando. Filha-da-puta do inferno. Volte aqui, ameaçara, e eu tacho foto nessa sua boceta de Bom Bril” (Melo, 2000, p. 336). Dessa forma, podemos dizer que Patrícia Melo, por meio da personagem Marta, faz uma crítica à subordinação da mulher à família tradicional

e às relações de dependência econômica, pois a referida personagem rompe com os valores de feminilidade da sociedade tradicional.

O empoderamento de Marta pode ser comprovado em vários momentos da narrativa, em que ela demonstra que não ser submissa a José Luís: “Não quero que a Kelly venha te visitar mais. Ploc. Eu sei que você andou dormindo com ela. É chato dizer, mas eu não queria ter que me meter com aquela gorda. Acabe com isso logo” (Melo, 2000, p. 323). Marta impõem suas condições, faz o que quer, sem se importar com o que pensam as outras pessoas aos seu redor, não se deixando abalar pelas expectativas sociais. A referida personagem é uma mulher moderna conforme as concepções de Kolontai (2011), pois ela se tornou uma mulher economicamente independente e autônoma, ou seja, uma mulher livre para ir e para vir.

Observamos também o preconceito, pois os homens não queriam receber ordens de mulher, mesmo ela se tornando muito empoderada, ainda a criticavam pelo motivo de ela ser mulher: “E o problema todo é porque eles não toleram receber ordens de mulher. Só estão acostumados a lidar com mulher em duas situações: na cozinha e na cama. Chego eu, ploc, sabida, esperta, eles não entendem nada. Ficam desnorteados” (Melo, 2000, p. 336). Como se a mulher servisse apenas para satisfazer os desejos sexuais dos homens e também para cuidar dos afazeres domésticos. É importante ressaltar que a história da humanidade é marcada por essa diminuição, desvalorização, dos papéis exercidos pelas mulheres na sociedade, na atualidade, essa premissa patriarcal ainda persiste.

Também é possível constatar que não havia perspectivas de dias melhores para as jovens do morro do Berimbau, como evidenciado no trecho em que Dona Alzira conversa com sua filha, Carolaine: “Meninas estupradas. Meninas grávidas. Meninas que se envolvem com traficantes. A pior coisa do mundo era ter uma moça em casa. Varreu a sala, o banheiro. Um inferno, ser mulher. Os homens, bando de animais” (Melo, 2000, p. 27). Esse diálogo reflete a desordem social predominante no morro, que se alinha ao conceito de “esfera da desordem social” proposto por Candido (2010) em “Dialética da malandragem”.

O nível mais elevado de empoderamento da personagem Marta pode ser constatado quando ela entrega José Luís à polícia para vingar a morte do pai. Para isso, apoia o policial Denílson durante as investigações que culminam na prisão do traficante. Além disso, Marta acusa a madrasta da mesma prática criminosa, utilizando essa justificativa para assassiná-la. Marta é uma mulher que não mede esforços para alcançar

seus objetivos, recorrendo à violência e deixando suas vítimas com hematomas e deformidades. Sua trajetória evidencia uma personagem disposta a romper limites e a desafiar as normas estabelecidas em seu contexto social.

É importante destacar que, após Marta assumir a liderança do tráfico, não houve mais invasões no morro, demonstrando sua capacidade de administração e comando. Marta age sem se preocupar com as barreiras de gênero impostas socialmente, contestando a supremacia da ideologia patriarcal presente no universo do tráfico retratado na narrativa. Nesse sentido, pode ser considerada o oposto das personagens femininas tradicionalmente representadas na literatura. Após a prisão de José Luís, ela passa a controlar todas as atividades do grupo, liderando o tráfico de drogas. Inicialmente, porém, foi alvo de críticas por parte dos homens do bando, que questionavam sua capacidade de liderança pelo fato de ser mulher, conforme podemos constatar no trecho em que negocia a compra de equipamentos com um traficante de armas:

Marta experimentou o equipamento, que ficou grande demais em seu corpo miúdo. É que a moda é outra, dona. A moda é não morrer, compreendeu? Tamanho único. E só temos preto também. Marta não gostou do comentário. Ploc. Estava farta de piadinhas do tipo você-não-entende-nada-porque-é-mulher. Ploc. Quando negociava drogas ou armas, quando se reunia com seus homens ou líderes de outros morros, sempre havia alguém disposto a fazer críticas maliciosas a seu respeito pelo fato de ser mulher. Nunca vi, dissera-lhe um dos traficantes, mocinha bonita assim passeando por aí com fuzil israelense. Ploc. Idiota. Mudara completamente o seu visual e atitude por causa daquele tipo de preconceito. Agora se vestia como um homem, calças militares, tênis, camisetas largas, o cabelo curtíssimo e boné. Esforçava-se para falar como homem, andar como homem, sou um cara justo, dizia nas negociações. Lidava com “essa gente” olhando-os nos olhos, empedernida, ameaçadora, exatamente como fazia seu pai (Melo, 2000, p. 335).

Uma das estratégias utilizadas por Marta para ser reconhecida como uma verdadeira líder pelos traficantes foi vestir-se como homem, buscando conquistar maior respeito e autoridade. Com isso, a personagem rompe com a noção de “mulher ideal”, tradicionalmente associada a características como cabelos longos, comportamento recatado e delicadeza. Ao desafiar essas normas, Marta liberta-se das expectativas impostas pela sociedade, que ainda estabelece padrões de beleza e comportamento para as mulheres. Assim, podemos afirmar que a personagem rejeita ser moldada pela cultura patriarcal e machista, ainda presente tanto entre homens quanto entre mulheres, ultrapassando os limites que lhe são socialmente impostos.

Apesar das críticas e da resistência que enfrenta, Marta não se considera inferior a nenhum homem, posicionando-se em uma condição de igualdade e, em muitos momentos, até mesmo de superioridade, conforme podemos observar no trecho a seguir: “Muito melhor do que qualquer líder que conhecera. Até melhor que José Luís, mil vezes melhor. Ploc. Quando fora obrigada a assumir os negócios, por causa da prisão de José Luís, encontrara uma total desorganização no tráfico. Desperdício de dinheiro e burrice, isso era o que não faltava” (Melo, 2000, p. 336). Observe-se que, após Marta assumir o controle do morro, não houve invasões policiais, pois ela sabia negociar com os policiais e corromper as pessoas certas, como chefes e delegados, dobrando os lucros. Ela formou diversas alianças estratégicas para consolidar seu capital.

Marta não pensava em matar José Luís antes de sua prisão; queria apenas que ele fosse preso, demonstrando que não era tão poderoso quanto aparentava, mas sim vulnerável. Com o tempo, Marta passou a “gostar do esquema”, deixando de depender financeiramente de qualquer homem. Como resultado, seus sentimentos em relação a José Luís tornaram-se mais complexos e contraditórios. José Luís, por sua vez, após deixar a prisão, fugiu do morro, temendo o que Marta poderia fazer. Após sua partida, ela continuou à frente do tráfico de drogas, mas foi assassinada pouco tempo depois, na rua principal do morro, ao ser alvejada por vários tiros.

Podemos afirmar que Marta representa uma mulher moderna, em busca de independência financeira e autonomia. Ela sabe o que deseja e não teme lutar para alcançar seus objetivos. De acordo com Beauvoir (2016, p. 543), a mulher moderna: “[...] tem a pretensão de pensar, agir, trabalhar e criar da mesma maneira que os homens; em vez de tentar diminuí-los, afirma que se iguala a eles”. Marta encarna essa visão ao rejeitar o papel tradicional de mulher submissa e lutar por sua própria autonomia, sem se limitar às expectativas impostas.

Considerações finais

A partir da análise realizada, foi possível compreender que a literatura contemporânea constitui uma importante forma de representação da sociedade, refletindo valores, conflitos e transformações presentes em determinado contexto histórico e cultural. Nesse sentido, o romance *Inferno* (2000), de Patrícia Melo, apresenta um retrato

da sociedade contemporânea por meio de uma narrativa marcada pela violência, pelas desigualdades sociais e pela fragilidade dos vínculos afetivos.

No que se refere às relações amorosas, verificamos que elas se aproximam das concepções de amor líquido formuladas por Bauman (2004), caracterizando-se pela instabilidade, pela transitoriedade e pela ausência de compromissos duradouros. As experiências amorosas vivenciadas pelas personagens evidenciam a fragilidade dos vínculos humanos na contemporaneidade, marcada por relações permeadas por incertezas e pela lógica da descartabilidade.

Quanto à representação da mulher, constatamos que Patrícia Melo constrói personagens femininas diversas, que ocupam diferentes espaços sociais e desempenham distintos papéis na narrativa. Entre elas, destaca-se Marta, personagem que rompe com os padrões tradicionalmente atribuídos às mulheres e questiona a legitimidade da dominação masculina. Sua trajetória evidencia a busca por autonomia, poder e reconhecimento em um universo historicamente dominado pelos homens.

Ao assumir a liderança do tráfico de drogas, Marta desafia as barreiras de gênero e ocupa uma posição de autoridade geralmente reservada às figuras masculinas. Dessa forma, a personagem representa as transformações ocorridas na condição feminina ao longo do tempo, revelando uma mulher que não aceita a submissão como destino. Contudo, a obra também demonstra que a conquista do poder não elimina os conflitos e as contradições vivenciados pelas mulheres, especialmente em contextos marcados pela violência e pela desigualdade social.

Assim, a pesquisa permitiu concluir que Marta é fruto da sociedade contemporânea e que sua representação confirma a estreita relação entre literatura e sociedade defendida por Candido (2006). A personagem simboliza tanto os avanços quanto os desafios enfrentados pelas mulheres na busca por autonomia e igualdade. Desse modo, *Inferno* contribui para ampliar as discussões sobre gênero na literatura contemporânea, ao apresentar personagens femininas complexas, capazes de questionar valores tradicionais e revelar novas formas de atuação da mulher na sociedade.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. Apaixonar-se e desapaixonar-se. In: **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p. 15-54.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida, v. 2, tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

CANDIDO, Antonio. Crítica e sociológica. *In*: **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006, p. 13-25.

CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem. *In*: **O discurso e a cidade**. 4. ed. São Paulo: Duas cidades, 2010, p. 17-47.

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra**: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2000.

KOSS, Monika Von. **Feminino + masculino**: uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades. São Paulo: Escrituras, 2000.

MACHADO, Ana Maria; SCLIAR, Moacyr. "...e foram felizes para sempre?". *In*: **Amor em texto, amor em contexto**: um diálogo entre escritores. Campinas: Papyrus, 2009, p. 09-18.

MELO, Patrícia. **Inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PLATÃO. Discurso de Sócrates. *In*: **O banquete**. São Paulo: Nova cultural, 1987, p. 85-107.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. *In*: BONNICI, Thomas: ZOLIN, Lúcia Osana. (Org.) **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2. ed. Maringá: Eduern, 2009, p. 327-336.